

MICROSPORUM COOKEI; SEU ISOLAMENTO DE ROEDORES SILVESTRES BRASILEIROS

Raymundo Martins CASTRO⁽¹⁾ e Maurício M. de Avelar ALCHORNE⁽²⁾

RESUMO

O presente estudo relata os primeiros resultados que os Autores obtiveram em estudo sobre a ocorrência de cogumelos causadores de "tinhas" e dos que lhes são afins em animais silvestres brasileiros. Foram estudados 31 animais (24 roedores e 7 marsupiais) capturados em dois locais distintos do Estado de São Paulo. De três roedores (*Akodon arviculoides*, *Nectomys squamipes* e *Oxymycterus quaestor*) foram isoladas quatro amostras de um *Microsporium* vermelho que identificamos ao *Microsporium cookei* AJELLO, 1959.

INTRODUÇÃO

O estudo da flora dermatofítica de animais silvestres, conduzido de maneira sistemática pelos micologistas do "Communicable Disease Center", do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, veio mostrar a ocorrência, ao lado do *Microsporium gypseum* e do *Trichophyton mentagrophytes*, de outro fungo afim ao primeiro, que se distingue do mesmo, principalmente, pela formação de pigmento vermelho. Foi, de início, denominado somente *Microsporium* "vermelho"^{5, 7, 8}.

Em 1959, AJELLO² contando já com 221 estirpes desse fungo, 220 isoladas de animais silvestres e uma do solo, criou nova espécie para esse bolor, denominando-o *Microsporium cookei*, em homenagem ao micologista William Bridge Cooke.

Recentemente o mesmo autor observou reprodução sexuada neste fungo, denominando à forma perfeita de *Nannizzia cajetana*¹.

Microsporium cookei é semelhante a *Microsporium gypseum* distinguindo-se deste

pela formação de pigmento vermelho-púrpura, particularmente nítido no reverso da colônia, pela morfologia do macroconídio, de paredes mais espessas e com maior número de células que as do *M. gypseum* e pela ausência de patogenicidade para animais de laboratório e para o homem inoculados experimentalmente² (figs. 1, 2 e 3).

Este último caráter talvez necessite maiores estudos, pois, existe referência a isolamento do *Microsporium cookei* de cão, com lesões de pelo (KAPLAN^{apud} 2).

Além dos Estados Unidos o *Microsporium cookei* já foi encontrado no solo ou em animais silvestres nos seguintes países, segundo dados de AJELLO¹: Canadá, Noruega, Polônia, Índia e Austrália.

Iniciando recentemente estudos sistemáticos sobre fungos de animais silvestres, isolamos de três animais, quatro amostras de cogumelo que correspondem à espécie *Microsporium cookei*, de AJELLO. Ao que sabemos é a primeira referência ao seu isolamento na América Latina.

Do «Instituto de Medicina Tropical de São Paulo» (Departamento de Microbiologia e Imunologia — Diretor: Prof. Carlos da Silva Lacaz) e Clínica Dermatológica e Sifiligráfica — Diretor: Prof. S. A. P. Sampaio) — da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo).

(1) Assistente do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo e Médico-auxiliar da Clínica Dermatológica e Sifiligráfica.

(2) Médico-auxiliar da Clínica Dermatológica e Sifiligráfica.

MATERIAL E MÉTODOS

Os animais silvestres provêm das estações de captura localizadas em Boracéia, município de Salesópolis e de Cotia, ambas no Estado de São Paulo.

Imediatamente após sacrifício dos animais, são retirados pêlos do focinho, dorso e abdome. Os mesmos são semeados, separadamente, em ágar-glicosado, de Sabouraud com cloranfenicol e cicloheximida. Mantidos

arviculoides, *Oxymycterus quaestor*, *Delomys dorsalis*, *Thaptomis nigrita* e *Nectomys squamipes*.

Quatro amostras de *Microsporium cookei* foram isoladas de três animais, a saber: *Akodon arviculoides*, *Nectomys squamipes*, *Delomys dorsalis* e *Oxymycterus quaestor*.

Dêste último foram isoladas duas amostras do mesmo animal, uma dos pêlos do dorso, outra do focinho.

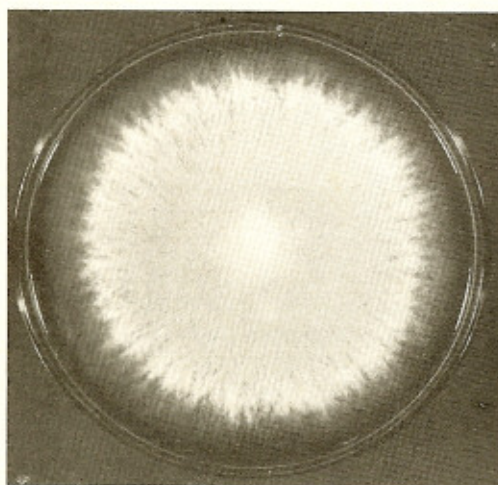


Fig. 1 — Cultura de *Microsporium cookei*.

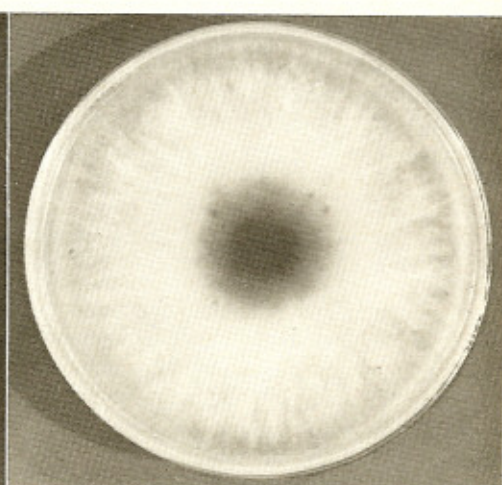


Fig. 2 — Reverso da cultura. Notar a pigmentação central.

os tubos à temperatura ambiente (20-30°C) são observados periodicamente, procedendo-se ao exame microscópico das colônias suspeitas de serem de dermatófitos.

De setembro a dezembro de 1961 foram examinados pêlos de 31 animais. Vinte e nove mostravam aspecto normal e dois gambás (*Didelphis marsupialis*) apresentavam placas de alopecia (e não de tonsura) razão pela qual foi colhido material também, da borda dessas lesões.

RESULTADOS

Dos 31 animais examinados, 28 foram negativos para dermatófitos; sete eram gambás (*Didelphis marsupialis*) os restantes, ratos e camundongos silvestres das seguintes espécies: *Oryzomys elurus*, *Akodon*

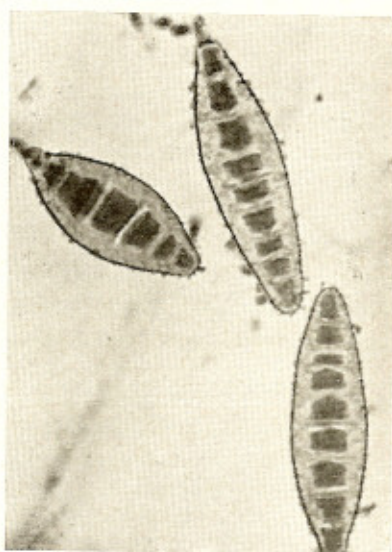


Fig. 3 — Macroconídeos do *Microsporium cookei*.

DISCUSSÃO

A investigação aqui referida constitui apenas preliminar estudo mais amplo da ocorrência de fungos em animais silvestres, quer daqueles sabidamente patogênicos para o homem ou outros animais, quer daqueles que por suas afinidades botânicas apresentam interesse à micologia médica e veterinária. O presente relato, conquanto resulte de exame de número relativamente pequeno de animais, é feito primordialmente para comunicar a ocorrência do *Microsporium cookei*, espécie que, ao que sabemos, não havia ainda, sido referida na literatura latino-americana.

É interessante salientar, também, que outros dermatófitos que têm sido isolados de animais silvestres, como *Trichophyton mentagrophytes* e *Microsporium gypseum*, êste último bastante comum em amostras de terra de nosso País^{3, 4, 6, 9} não tenham aparecido no material por nós estudado.

SUMMARY

Microsporium cookei; isolation from Brazilian wild rodents

Hairs of 31 wild animals, marsupials and feral rodents trapped in the State of São Paulo, Brazil, were cultivated in Sabouraud dextrose agar with cloranfenicol and cicloheximid (Actidione) with the isolation of *Microsporium cookei* from the following feral rodents: *Akodon arviculoides*, *Nectomys squamipes* and *Oxymycterus quaestor*.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Dr. Oscar de Souza Lopes e Prof. Oswaldo Paulo Forattini, que nos permitiram a colheita de material dos animais capturados nas estações mantidas pelo "Instituto Adolfo Lutz" e "Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universi-

dade de São Paulo", ao Dr. Cory Carvalho, do Museu de Zoologia, pelas identificações dos animais; ao Laboratório Upjohn, pelo fornecimento da cicloheximida (Actidione) e à Dona Julieta de Castro Fernandes, pela colaboração técnica. Somos também particularmente gratos ao Dr. Libero Ajello, à quem enviamos as culturas e que examinou-as, confirmando nossas identificações.

REFERENCIAS

1. AJELLO, L. — The ascigerous state of *Microsporium cookei*. Sabouraudia 1:173-177, 1961.
2. AJELLO, L. — A new *Microsporium* and its occurrence in soil and animals. Mycologia 51:69-76, 1959.
3. CASTRO, R. M. — Isolamento do dermatófito *Microsporium gypseum* de amostras de solo de São Paulo e Minas Gerais. Rev. Inst. Med. trop. São Paulo 3:78-80, 1961.
4. GONÇALVES, A. P. — Micoses superficiais. Brasil méd. 74:437-450, 1960.
5. KAPLAN, W.; GEORG, L. & AJELLO, L. & AJELLO, L. — Recent developments in animal ringworm and their public health implications. Ann. New York Acad. Sc. 70: 636-639, 1958.
6. LONDERO, A. T. & RAMOS, C. D. — Ocorrência dos dermatófitos «geofilicos» no solo do Rio Grande do Sul. Rev. Inst. Med. trop. São Paulo 3:75-77, 1961.
7. Mc KNEEVER, S.; KAPLAN, W. & AJELLO, L. — Ringworm fungi of large wild mammals in Southwestern Georgia and Northwestern Florida. Am. J. vet. Res. 19:973-975, 1958.
8. Mc KNEEVER, S.; MENGES, R. W.; KAPLAN, W. & AJELLO, L. — Ringworm fungi of feral rodents in Southwestern Georgia. Am. J. vet. Res. 19:969-972, 1958.
9. SILVA, M. E. — Ocorrência do *Cryptococcus neoformans* e *Microsporium gypseum* em solos da Bahia, Brasil, Bol. Fundação Gonçalo Moniz, n.º 17, 1-6, 1960.

Recebido para publicação em 28 dezembro 1961.